

PECUÁRIA

Frigoríficos pedem mais prazo para mapear seus fornecedores



SOJA
Safra recorde pode significar mais desmatamento



ENTREVISTA
Hector Nuñez: “Os clientes já percebem que são parte ativa na mudança”

 Fique por **DENTRO**

o **Árvores no chão** Em conversa com Kumi Naidoo, Diretor Executivo do Greenpeace Internacional, Marina Silva, Dilma Rousseff e José Serra se comprometeram a impedir que a bancada ruralista mexa ainda este ano no Código Florestal Brasileiro, lei que protege nossas matas desde 1934. Logo, terão a chance de cumprir sua promessa. Liderados por um comunista, o deputado Aldo Rebelo, os ruralistas prometem incrementar sua ofensiva contra as florestas agora em maio.

o **Gado na berlinda** O Ministério Público Federal notificou mais 57 empresas de menor porte, além das 18 empresas, a maioria grandes frigoríficos, que compram carne de fazendas no Pará. O órgão pede que toda a cadeia da pecuária cobre de seus fornecedores a comprovação de que o gado não vem de desmatamento ilegal. Caso contrário, as empresas também serão responsabilizadas por financiar a devastação.

o **Soja na mira** O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) apreendeu cerca de 200 mil sacas de soja plantadas em 5,2 mil de uma fazenda embargada em Bom Jesus do Araguaia, no Mato Grosso. Boa parte da área está dentro da Terra Indígena Maraiwatsede, dos índios xavantes.

Sem os dados prometidos há seis meses, as maiores empresas de pecuária ainda não têm como garantir que seus produtos são livres de desmatamento da Amazônia.

No dia 5 de abril, os três maiores frigoríficos do país, JBS, Marfrig e Minerva, apresentaram resultados distantes do que fora prometido no compromisso público pelo fim do desmatamento na cadeia da pecuária, assinado seis meses antes, em outubro de 2009. As empresas adotaram, na época, um cronograma para cadastrar e mapear todas as fazendas de seus fornecedores de gado para abate na Amazônia, possibilitando o monitoramento de toda a cadeia produtiva da pecuária. Esse monitoramento é fundamental para os frigoríficos assegurarem que seus produtos não contribuem para o desmatamento do maior patrimônio ambiental do Brasil. Passado o prazo, o resultado atingido está aquém do prometido.

Apesar disso, as empresas mostraram avanços e reiteraram o compromisso de não permitir que o desmatamento continue manchando sua cadeia de produção. A Marfrig, por exemplo, informou ter cadastrado os fornecedores de 80% do volume de abate da empresa, mas ainda não tem os mapas de todas as fazendas. A maior empresa processadora de proteína animal do mundo, JBS, afirmou ter cadastradas 43% das fazendas responsáveis por sua produção. As empresas pediram um prazo adicional de três meses para completar os cadastros e prometem ter os mapas com os limites da propriedade em novembro.

O desmatamento e as queimadas da Amazônia fazem do Brasil o quarto maior inimigo do clima no mundo. A pecuária ocupa 80% das áreas já desmatadas na região. Por conta disso, o acordo previa que, em 180 dias, os frigoríficos tivessem cadastrados seus fornecedores diretos – as fazendas que lhes vendem boi gordo – e que eles completassem em dois anos o cadastro e mapeamento das fazendas que fornecem animais para as fazendas de engorda.

leia mais na próxima página



O mercado entrou na dança

Não foi à toa que os frigoríficos começaram a se mexer. Eles reagiram à pressão do Greenpeace e de grandes redes de supermercados, como Wal-Mart, Carrefour e Pão de Açúcar, e produtoras de calçados, como Nike, Adidas e Timberland, que deixaram claro que não comprariam mais couro e carne suspeitos de causarem a destruição da floresta. Algumas semanas após a reunião de abril, o Leather Working Group – coalizão de grandes empresas consumidoras de couro – soltaram nota reafirmando que, caso os frigoríficos não comprovem a origem do gado, os contratos serão cancelados.

Essa garantia, no entanto, os frigoríficos ainda não têm como dar aos seus clientes. “Fizemos um grande esforço para cadastrar os 80% e estamos dispostos a cumprir o acordo. Mas esses 20% que faltam hoje, realmente ainda não posso garantir que não venham de áreas desmatadas”, admite o diretor de sustentabilidade da Marfrig, Ocimar Vilella.

Desde que assinaram o compromisso contra o desmatamento, cerca de 14 mil hectares de floresta tombaram nas áreas de influência desses frigoríficos na Amazônia. São pelo menos 40% do total desmatado nos quatro meses analisados. “Na Amazônia, onde a grilagem de terras, a violência e a invasão de terras protegidas são comuns, a formalização do setor da pecuária é do interesse nacional”, afirma Paulo Adario, diretor da campanha Amazônia, do Greenpeace.

O país é o maior exportador de carne do mundo. E as próprias empresas do setor já têm a percepção de que devem manter a cadeia limpa para continuar na liderança. “Ninguém mais quer comprar carne ligada a desmatamento ou a problemas sociais. A gente tem que controlar isso se quiser ganhar mercado”, observa Vilella “O acordo é um marco, pois esse tipo de controle sobre a cadeia de produção não existia no setor”.

EDITORIAL

Novo boletim, mais desafios

Com dimensões a perder de vista, a Amazônia é das últimas grandes reservas florestais do planeta. Mas está ameaçada. Em apenas quatro décadas, 17% de sua cobertura vegetal já foram para o chão. E continuam indo. No lugar da floresta, agropecuária. É para cima das matas que avança a fronteira de produção, sem dar sinais de esfriamento.

Foi para dar conta dessa complexa cadeia de desmatamento que o Boletim Amazônia Viva mudou. Agora, sob o nome de Boletim Desmatamento Zero, nosso periódico vai abordar não só os passos da soja, mas também do gado na Amazônia, os dois principais vetores atuais da devastação da floresta.

Os investimentos para o setor são altos. Assim como os desafios para que a produção limpe seus rastros de destruição. Enquanto se fala em números recordes para a safra da soja e o Brasil sobe a ladeira no ranking dos países exportadores de produtos agrícolas, o gado continua avançando sobre a Amazônia. De acordo com números do governo, 80% do que foi desmatado na região sucumbiu às patas dos bois.

Nos últimos anos, grandes empresas desses dois setores, soja e pecuária, assumiram compromisso público pelo desmatamento zero em suas cadeias de produção. O esforço já gerou resultados positivos, mas está longe do ideal. Com a atenção mundial voltada para esse imenso patrimônio ambiental, é o próprio mercado quem dá o ultimato: produtos que custaram pedaços da Amazônia não têm mais vez entre os consumidores.



Paulo Adario

Paulo Adario
Diretor da Campanha da
Amazônia do Greenpeace

Safra recorde na soja: sinônimo de mais desmatamento?

Com previsões de crescimento na produção, empresas enfrentam desafio de monitorar áreas desmatadas para excluir soja que desrespeita a moratória.

O Brasil acaba de desbancar China e Austrália e alcançou o terceiro lugar entre os maiores exportadores de produtos agrícolas no mundo, segundo a Organização Mundial do Comércio (OMC). E de acordo com previsões do governo brasileiro, a atual tendência é que a produção do setor de soja será ainda maior do que em anos anteriores.

Já no início da safra de soja 2009/2010, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estimou expansão de 6,1% em área de cultivo em todo o país. São 1,32 milhões de hectares a mais que em 2008/2009. No Mato Grosso, que se mantém como principal região produtora do grão na Amazônia – 40% dos seus seis milhões de hectares plantados estão no bioma – o aumento deve ser de 7,3%, informa o Instituto Mato-Grossense de Economia Agrícola (Imea). O estado aguarda safra recorde de 18,3 milhões de toneladas.

Projeções do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) para os próximos dez anos também apontam nessa direção: as exportações brasileiras de soja devem crescer 2,8% ao ano. Considerando o consumo interno, a produção para atender essa demanda está estimada em 82 milhões de toneladas.

Os números são pomposos. E para que eles não se reflitam em mais floresta derrubada, as comercializadoras de soja terão de aumentar o controle e os mecanismos que apoiam o desmatamento zero. “Se o aumento no número de casos de desrespeito à moratória se confirmar na safra 2009/2010, como indicam nossos sobrevoos, as traders deverão ser ainda mais enérgicas em assegurar que a soja oriunda de áreas des-

matadas não tem espaço em seus silos”, diz Raquel Carvalho, da campanha da Amazônia do Greenpeace.

Firmada em julho de 2006 entre a Associação Brasileira da Indústria de Óleos Vegetais (ABIOVE), a Associação Brasileira dos Exportadores de Cereais (ANEC) e suas respectivas associadas, a moratória da soja enfrentará sua prova de fogo este ano. Fazendeiros levam em geral de dois a três anos para preparar novas áreas desmatadas para o plantio de soja. Isso significa que muitos desmatamentos na região da soja ocorridos pós-moratória estão, em tese, agora aptos para o cultivo. E frente às estimativas de safra recorde, a não comercialização do produto que venha dessas áreas novas, e a exclusão de produtores reincidentes serão um grande teste para o compromisso das traders com a moratória.

“Quando a produção aumenta, o nível de problemas pode aumentar junto”, admite o presidente da ABIOVE, Carlo Lovatelli. Mas ele acredita que os quase quatro anos do acordo amadureceram as relações entre indústria e produtores. “A moratória já mostrou ter afetado o comportamento dos que produzem no bioma. A pressão da indústria pesou”. Otimismo?

Na safra do ano passado, dez produtores que plantaram em áreas derrubadas foram bloqueados no sistema das empresas e não receberam financiamento para a safra desse ano. Em maio, as traders devem apresentar os relatórios de auditoria comprovando a execução dessas medidas. Novas áreas desmatadas com soja também terão que ser excluídas. A transparência nesse processo será fundamental para a credibilidade da moratória.





“Os clientes já percebem que são parte ativa na mudança”

O cubano Hector Nuñez é presidente da varejista americana Wal-Mart no Brasil. A empresa assumiu um compromisso público, sob a liderança da Associação Brasileira de Supermercados (Abras), de criar um programa para garantir a certificação da cadeia bovina no Brasil. O programa promete criar condições para que os supermercados participantes ofereçam ao consumidor apenas produtos de frigoríficos que estejam comprometidos com o fim do desmatamento na Amazônia.

Qual é a responsabilidade de uma grande rede varejista na solução dos problemas ambientais?

O varejo tem um papel estratégico porque, embora não tenha impacto ambiental direto tão grande comparado com a indústria, o varejo é o elo de ligação entre os fornecedores e os clientes. Do mesmo jeito que conversamos com a indústria sobre como juntos podemos melhorar processos e produtos para reduzir impactos, temos nas lojas 2 milhões de pessoas todos os dias. Isso é incrível pois podemos usar a loja para comunicar e educar esses clientes, mostrando que cada indivíduo pode fazer sua parte pelo planeta.

Quais os desafios para se chegar a essas soluções?

Os desafios são grandes porque, em muitos casos, trata-se de quebra de paradigma, de fazer diferente do que sempre, em tese, deu certo. Mudar é sempre desafiador, mas estamos tendo experiências fantásticas tanto com nossos fornecedores, como com os clientes, que já percebem que são parte ativa na mudança.

O consumidor está mais preocupado com as questões ambientais?

A mudança no consumidor não é rápida, mas acontece. Percebemos que cada vez que colocamos nas gôndolas um produto com algum diferencial em sustentabilidade, há interesse do cliente. Ainda estamos no início da jornada, mas vejo que as pessoas, com mais informação, percebem que pequenos gestos podem fazer a diferença.

O Wal-Mart pretende estender essa política de desmatamento zero para além do Brasil?

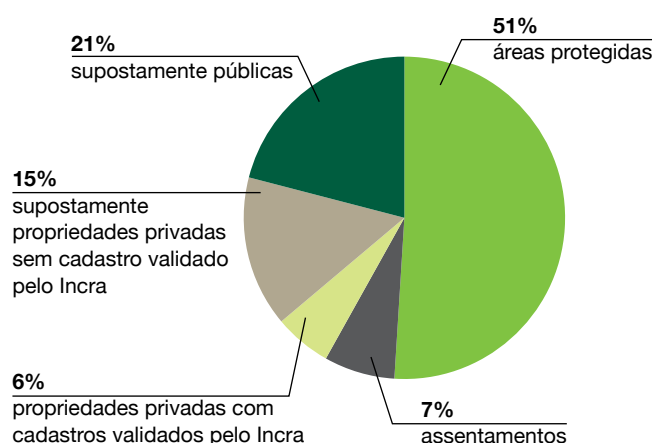
As questões de desmatamento e conservação dos recursos naturais fazem parte dos pilares do Wal-Mart em todo o mundo e as ações que temos feito no Brasil têm tido grande interesse por parte do Wal-Mart global.

Fique de OLHO

- o **Soja Plus** A Abiove e três associações do setor produtivo lançaram no Brasil o Programa Soja Plus de certificação. O SojaPlus pretende capacitar produtores rumo à sustentabilidade através da verificação de critérios que, surpreendentemente, não incluem o desmatamento zero. Esta iniciativa não teve a adesão de nenhuma das entidades da sociedade civil que apoiam a moratória da soja.
- o **Lobby pelo desmatamento** Autorizadas a fazer doações de recursos para as campanhas eleitorais, as cooperativas de agricultura vão abrir o bolso. A intenção é ajudar a eleger candidatos ligados ao agronegócio, para que os projetos de lei voltados para o setor sejam aprovados. A maioria dessas propostas tenta enfraquecer a legislação ambiental no Brasil.
- o **TAC no MT** Há 7 meses, o Ministério Público Federal negocia com os frigoríficos do Mato Grosso a assinatura de um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) que explicita como irão limpar a cadeia de custódia contaminada com desmatamentos ilegais. Marfrig, Minerva e JBS postergam a assinatura do termo, mas o procurador já avisou que se não houver acordo em breve, ele já tem elementos para entrar com uma ação civil pública.

Power Point

ESTIMATIVA DA SITUAÇÃO JURÍDICA DE TERRAS NO PARÁ



Fonte Impactos das novas leis fundiárias na definição de direitos de propriedade no Pará (O Estado da Amazônia), Imazon, março/2010

O Pará é um dos estados mais afetados pela indefinição fundiária que gera insegurança jurídica para investimentos, dificuldade para ações de conservação e fiscalização ambiental e conflitos de terra.